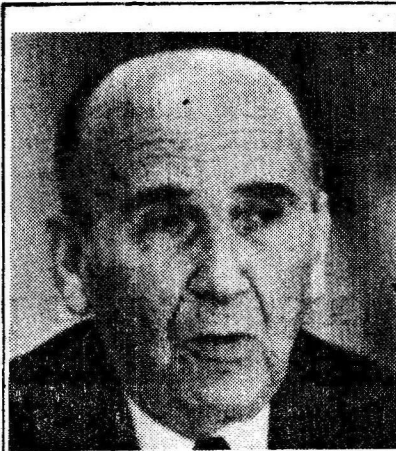


"Citicorp prepara-se para a luta"

"Essa atitude parece indicar que eles estão se preparando para a luta", disse ontem o ex-presidente do Banco Central, Rui Leme, ao comentar o comunicado do Citicorp. Nesse comunicado, divulgado na última sexta-feira, o Citicorp, holding do maior credor brasileiro, informa à Comissão de Controle Bancário dos EUA que se não houver acordo com o Brasil, a moratória provocará perdas de US\$ 190 milhões ao Citibank no balanço deste ano.

A antecipação dessas estimativas de prejuízos, segundo o ex-presidente do BC, demonstra que o banco está disposto a enfrentar o impacto negativo que a informação pode causar as suas ações em bolsa e a seus papéis no mercado financeiro. O



Campiglia defende firmeza

Citibank parece demonstrar, com isso, que é preferível arcar com essas consequências a ter que continuar emprestando ao Brasil sem que haja um programa econômico aprovado pelos credores.

"Na crise externa que tivemos no segundo semestre de 82, havia uma inadimplência de fato mas não de direito. Os bancos emprestavam ao Brasil para que o País pudesse pagar os juros de outros bancos. Em última análise, quem estava financiando o pagamento dos juros eram os próprios bancos e, com isso, aguavam seu capital", disse Rui Leme.

RISCOS DO CONFRONTO

Para o presidente da Associação das Empresas de Crédito, Financiamento e Investimento, Américo Os-

valdo Campiglia, há grande risco de um confronto: de um lado, outros países endividados podem seguir o exemplo brasileiro de suspensão de pagamentos; do outro lado, os credores podem seguir os rumos que estão sendo apontados pelo Citicorp. "Se o terceiro mundo deixar de pagar, os bancos internacionais terão de contabilizar um prejuízo de US\$ 1 trilhão representado pela dívida dos países pobres e em desenvolvimento. E o mercado financeiro internacional não terá condições de suportar esse abalo", comenta Campiglia.

Campiglia considera normal que, numa fase que antecede à negociação, o Brasil adote uma posição mais firme, mostrando com a moratória que não tem condições de pagar se não receber novos empréstimos e



Leme: impacto negativo

condições mais favoráveis de exportações. Considera também normal, que os bancos credores tentem, com uma posição mais dura, forçar o Brasil a adotar um plano severo de reajuste econômico.

Adverte porém que essa estratégia é muito perigosa e que seria preferível posições mais conciliadoras: em lugar de moratória, o Brasil deveria simplesmente colocar as cartas na mesa e mostrar que sem apoio não pode pagar; em lugar de ameaça de endurecimento, os credores deveriam acatar a tese de Paul Volcker, presidente do FED (Banco Central dos EUA), de que os credores também terão de absorver parte dos prejuízos numa renegociação, para que o credor possa se recuperar.